

Morgan, Lewis Henry. *Systems of consanguinity and affinity of the human family*. 1871. pp. v-vii, viii, ix, 3-4, 6, 7-8, 10, 11-3, 14-5 e 132-5.

## **PREFÁCIO**

A filologia provou ser um instrumento admirável para a classificação das nações em famílias, com base em afinidades linguísticas. Uma comparação dos vocábulos e das formas gramaticais de certas línguas mostrou se tratar de dialetos de uma fala comum; e esses dialetos, sob um nome comum, foram então restaurados à sua unidade original como uma família de línguas. Dessa maneira, e através dessa instrumentalidade, as nações da terra foram reduzidas, com maior ou menor certeza, a um número menor de famílias independentes.

Algumas dessas famílias foram circunscritas com maior definição do que outras. As línguas arianas e semíticas tiveram seus limites traçados com sucesso, e as pessoas por quem eram abundantemente faladas são agora reconhecidas como famílias no sentido estrito e próprio do termo. Das que restam, a turaniana é mais um grande agrupamento de nações, associadas por magras afinidades, do que uma família no sentido ariano ou semítico<sup>1</sup>. Quanto à malaia, ela se aproxima mais do verdadeiro padrão, ainda que suas divisões principais sejam marcadas por diferenças consideráveis. O chinês e suas cognatas, enquanto línguas monossilábicas, provavelmente se qualificam, em bases linguísticas, para o título distinto de uma família independente de línguas. Por outro lado, os dialetos e línguas dos aborígenes americanos não foram explorados com suficiente fôlego e rigor, de modo a decidir a questão de saber se elas foram derivadas de uma fala comum. Até onde chegaram as comparações, concluiu-se que elas concordam no plano geral e na estrutura gramatical. (...)

Os resultados notáveis da filologia comparada, e a eficácia do método segundo o qual ela procede, enquanto ciência, oferecem encorajadora segurança de que, ao cabo, reduzirá todas as nações da humanidade a famílias tão claramente circunscritas quanta a ariana e a semítica. Mas é provável que o número dessas famílias, tal como há de ser finalmente estabelecido, exceda consideravelmente o número atualmente reconhecido. Quando esse trabalho de filologia tiver sido completamente realizado, permanecerá a questão de saber se a conexão entre duas ou mais dessas famílias pode ser determinada a partir dos materiais da linguagem. Tal resultado não é improvável; no entanto, até o presente momento, nenhuma análise da linguagem, independentemente de quão detalhada e profunda tenha sido, foi capaz de cruzar a barreira que separa as línguas arianas das semíticas – e essas são as duas mais exaustivamente exploradas – e descobrir os processos pelos quais, se derivam originalmente de uma fala comum, elas se tornaram radicalmente alteradas em

---

<sup>1</sup> A família ariana de Morgan parece corresponder à indo-europeia dos futuros linguistas. Nomes como turaniano, ganowaniano etc. são, ou resíduos de uma antiga terminologia que já não se usa mais, ou idiosincrasias do autor que tampouco teriam grande posteridade.

suas formas últimas. É com especial referência ao aporte que os sistemas de consanguinidade e afinidade das várias famílias humanas poderiam trazer para essa questão vital, que a pesquisa cujos resultados estão contidos neste volume foi levada a cabo.

Nos sistemas de relação [*relationship*] das grandes famílias da humanidade estão depositados e preservados alguns dos mais antigos memoriais do pensamento e da experiência humana. Eles foram passados adiante como sistemas transmitidos através dos canais do sangue, desde as primeiras épocas da existência do homem sobre a terra; mas revelaram certas mudanças bem definidas e progressivas com o crescimento da experiência do homem nas eras do barbarismo. É para tais conclusões, tiradas da comparação de formas que agora prevalecem em diferentes famílias, que parece apontar a evidência empírica.

Todas as formas descobertas até agora se resolvem, num sentido compreensivo, em duas, a descritiva e a classificatória, que são, em suas concepções fundamentais, o reverso uma da outra. Enquanto sistemas de consanguinidade, cada uma contém um plano para a descrição e classificação dos parentes, plano cuja formação foi um ato de inteligência e conhecimento. Elas recuam, pela cadeia de derivação, até uma remota antiguidade, a partir da qual, como sistemas definidos e endurecidos, começou sua propagação. (...)

Uma comparação desses sistemas, e um estudo cuidadoso das sutis, mas marcantes, mudanças pelas quais passaram, levaram, do modo mais inesperado, à recuperação, pelo menos de modo conjectural, da grande série ou sequência de costumes e instituições que marca o caminho do progresso do homem através das eras do barbarismo; e através da qual ele se ergueu, de um estado de relações promíscuas, até a civilização final. O leitor geral pode se surpreender com a principal inferência feita a partir do sistema classificatório de relação, a saber, que se originou do intercasamento de irmãos e irmãs numa família comunal, e que este foi o estado normal do casamento, bem como da família, na parte primordial das eras imensuráveis do barbarismo. Mas a evidência em favor desta conclusão parece ser decisiva. Ainda que seja difícil conceber a extremidade do barbarismo que um tal costume pressupõe, é razoável presumir que o progresso através e para além dele se deu por estágios sucessivos de avanço, e através de grandes movimentos reformadores. Parece mesmo provável que o progresso da humanidade foi maior, em grau, e na largura de seu alcance, nas eras do barbarismo, do que tem sido desde então, nas eras da civilização; e que foi uma luta mais dura, mais incerta e mais intensa, para chegar ao limiar desta última, do que tem sido desde então, para chegar ao seu estado atual. A civilização deve ser vista como o fruto, a recompensa final, de uma vasta e variada experiência da humanidade nas eras bárbaras. As experiências das duas condições são elos sucessivos de uma cadeia comum, que não podem ser compreendidos um sem o outro. (...)

## **Agradecimentos**

Para os materiais, de que se formaram as Tabelas, estou em dívida numa escala que em muito ultrapassa minha capacidade de reconhecê-lo suficientemente. (...) Sem querer discriminar, de modo algum, entre aqueles cujos nomes constam nas Tabelas, desejo mencionar o fato de que a muito maior parte das planilhas estrangeiras foram fornecidas por missionários norte-americanos. Não há, sobre a Terra, uma classe de homens, seja considerados como acadêmicos, filantropos ou *gentlemen*, que tenham conquistado uma reputação mais distinta. Seus trabalhos, sua abnegação, e seu empenho na tarefa à qual dedicaram seu tempo e suas grandes habilidades, são dignos de admiração. Suas contribuições para a história, a etnologia, a filologia, a geografia, e para a literatura religiosa, compõem um duradouro monumento à sua fama. O renome que circunda seus nomes cai como uma coroa de louros sobre o nome de seu país.

(...)

Há ainda uma outra classe de pessoas para com as quais minhas dívidas não são, de modo algum, as menores, e são os índios americanos nativos de muitas nações diferentes, tanto homens como mulheres, que, por natural bondade de coração, e para satisfazer os desejos de um estrangeiro, deram-me seu tempo e sua atenção durante horas e até dias juntos, naquilo que, para eles, deve ter sido um trabalho tedioso e desagradável. Sem a informação deles obtida, teria sido totalmente impossível apresentar o sistema de relações da família índia [*Indian*].

## **PARTE I – O SISTEMA DESCRITIVO DE RELAÇÃO**

### **Cap. 1. Introdução**

Desde o longínquo ano de 1846, coletando materiais que ilustrassem as instituições dos iroqueses, encontrei, entre eles, no uso quotidiano, um sistema de relação para designar e classificar parentes único e extraordinário e ao mesmo tempo totalmente diverso de qualquer um com que estejamos familiarizados. No ano de 1851, publiquei uma breve descrição desse sistema singular, que eu então presumia ser de sua própria invenção, e que julgava notável principalmente pela novidade que representava. Depois, em 1857, tive ocasião de reexaminar o assunto, quando a ideia de sua provável predominância entre outras nações índias se apresentou, juntamente com seu uso, naquela ocasião, para propósitos etnológicos. No verão seguinte, quando estava no lado sul do Lake Superior, determinei o sistema os índios Ojibwa; e, embora preparado, em certa medida, para o resultado, foi com certo grau de surpresa que encontrei entre eles o mesmo sistema elaborado e complicado que então existia entre os iroqueses. Todo termo de relação era radicalmente diferente

do termo correspondente em iroquês; mas a classificação da parentela era a mesma. Estava manifesto que os dois sistemas eram idênticos em suas características fundamentais. Parecia provável, ademais, que ambos fossem derivados de uma fonte comum, uma vez que não caberia supor que dois povos, falantes de dialetos de línguas tão apartadas como o algonquino e o iroquês, pudessem ter inventado simultaneamente o mesmo sistema, ou tê-lo derivado por empréstimo um do outro.

A partir deste fato de identidade, certo número de inferências imediatamente se apresentaram. Assim como sua predominância entre os iroqueses seneca tornava provável sua igual predominância entre outras nações falantes de dialetos da língua iroquesa, assim também sua existência e uso entre os ojibwas tornava igualmente provável sua existência e uso entre as nações remanescentes falantes de dialetos da fala algonquina. Se a investigação estabelecesse a afirmativa dessas proposições, isso daria ao sistema uma ampla distribuição. Em segundo lugar, sua predominância entre essas nações tornaria provável sua igual predominância entre os remanescentes dos aborígenes americanos. Se, pois, se concluísse que era universal entre eles, disso se seguiria que o sistema era coetâneo em relação ao começo de sua dispersão pelo continente americano; e também que, como um sistema transmitido com o sangue, poderia conter a evidência empírica necessária para estabelecer sua unidade de origem. E em terceiro lugar, se a família índia veio, de fato, da Ásia, pareceria que eles deveriam ter trazido o sistema consigo daquele continente, tendo-o deixado para trás entre os povos de quem se haviam separado; mais ainda, que a sua perpetuação neste continente teria tornado provável sua igual perpetuação no asiático, onde ainda poderia ser encontrado; e, finalmente, que poderia ser possível fornecer evidência empírica sobre a questão da origem asiática da família índia.

Essa série de suposições e inferências foi muito naturalmente sugerida pela descoberta do mesmo sistema de consanguinidade e afinidade em nações falantes de línguas de dois grupos. Não era uma série extravagante de especulações na base em questão, como se há de compreender quando os sistemas seneca e ojibwa forem examinados e comparados. Nessa simples e óbvia linha de raciocínio, resolvi-me a perseguir o assunto até que fosse determinado se o sistema era universal entre os aborígenes americanos; e, caso se tornasse razoavelmente provável que este era o fato, a então seguir com a investigação até o Continente Oriental, e entre as ilhas do Pacífico.

O trabalho foi iniciado com a preparação de uma planilha de questões que descrevesse as pessoas na linha genealógica central, e as principais pessoas nas primeiras cinco linhas colaterais, e que, uma vez respondida, daria sua relação para com Ego, assim apresentando com minúcia o sistema de consanguinidade e afinidade de qualquer nação, com exatidão e detalhe. Essa planilha, com uma carta explicativa, foi enviada, na forma de uma circular, às várias missões indígenas dos Estados Unidos, aos comandantes de vários postos militares no país indígena, e aos agentes

indígenas do governo. Esperava-se que se enviasse a informação por correio como o principal instrumento. Dada a natureza complicada do assunto, os resultados, como talvez se pudesse ter previsto, não foram consideráveis. Esse primeiro desapontamento foi antes uma ocorrência feliz do que o contrário, uma vez que me forçou a abandonar a investigação, ou a levá-la a cabo, no que tangesse às nações índias, em pessoa. (...)

Um grande número de planilhas, quando retornadas, revelaram ter sido preenchidas de modo imperfeito. Incompreensão da natureza e do objeto da investigação foi a principal causa. (...) Todo sistema de relação é intrinsecamente difícil, até que tenha sido cuidadosamente estudado. A forma classificatória, além de difícil, é complicada, e totalmente diversa da nossa. É fácil perceber, então, que quando se pede a uma pessoa que elabore, em detalhe, o sistema de um povo estrangeiro, ela julgaria necessário, em primeiro lugar, dominar o seu próprio, e depois disso encontrar e superar as dificuldades de uma outra forma, talvez radicalmente diferente. Diante dessas considerações, há muito maior causa para surpresa no fato de que muitas planilhas foram executas completamente, do que naquele de que um número considerável falhou.

(...)

Na Parte I, após discutir os elementos de um sistema de relação tomado em abstrato, toma-se a forma romana de consanguinidade e afinidade e se a explica com exatidão e detalhe, como típica do sistema da família ariana. Isto é seguido de uma breve exposição das formas que prevalecem em outros ramos da família, com o propósito de indicar as diferenças entre elas e a forma típica; e também para determinar as características gerais do sistema. Os sistemas das famílias semítica e uraliana são então tratados do mesmo modo, e comparados com a forma ariana. Através desse procedimento, também, podem-se determinar os limites da distribuição do sistema descritivo de relação.

Na Parte II, após discutir certos fatos preliminares, a forma seneca-iroquesa é primeiramente explicada, com minúcia de detalhes, como típica do sistema da família indígena americana. Depois disso, as várias formas dos ramos restantes dessa família são apresentadas; a discussão sendo confinada, tanto quanto se poderia bem fazê-lo, aos pontos de diferença entre eles e o sistema típico.

Na Parte III, a forma Tamil é primeiramente apresentada e explicada como típica do sistema da família turaniana; depois do que, as formas que prevalecem entre outras nações asiáticas representadas nas tabelas são consideradas e comparadas com a forma típica.

Em último lugar, os resultados gerais da comparação dessas várias formas, juntamente com uma solução conjectural da origem do sistema classificatório, fornecem a matéria de um capítulo de conclusão.

As tabelas são, contudo, os resultados principais desta investigação. Em sua importância e valor, elas vão muito além de qualquer uso atual que o autor tenha sido capaz de indicar dos seus conteúdos. Se puderem ser aperfeiçoadas, e fornecidos os sistemas das nações não representadas, seu valor será muito aumentado. A classificação das nações se baseia, aqui, numa comparação das diversas formas de consanguinidade. Com algumas exceções, ela se harmoniza com aquela previamente estabelecida sobre a base de afinidades linguísticas. Uma se apoia sobre o sangue, cuja preponderância é representada pelo sistema de relações; a outra se apoia sobre a linguagem, cujas afinidades são representadas pela estrutura gramatical. (...) Pode-se questionar qual dessas classes de ideias foi perpetuada durante os períodos de tempo mais longos.

(...)

## Capítulo 2. Observações gerais sobre sistemas de relação

(...)

As relações familiares são tão antigas quanto a *família*. Elas existem em virtude da lei de derivação, expressa pela perpetuação da espécie através da relação de casamento. Um sistema de consanguinidade, fundado numa comunhão de sangue, não passa da expressão formal e do reconhecimento dessas relações. Em torno de cada pessoa, há um círculo ou grupo de parentes do qual tal pessoa é o centro, o *Ego*, a partir de quem o grau de relação é contado, e a quem a relação em si retorna. Acima dele estão seu pai e sua mãe e seus ascendentes, abaixo dele estão seus filhos e seus descendentes; enquanto em cada lado estão seus irmãos e irmãs e seus descendentes, assim como um número muito maior de parentes colaterais que descendem de ancestrais comuns ainda mais remotos. Para ele, eles estão mais próximos, em grau, que quaisquer outros indivíduos da nação como um todo. Uma organização formal, segundo linhas de descendência, dos parentes de sangue mais imediatos, com a adoção de algum método para distinguir um parente de outro, e para expressar o valor da relação, seria um dos primeiros atos da inteligência humana.

(...)

As relações de sangue a que foram atribuídos termos específicos no sistema da família ariana são poucas. São avô e avó, pai e mãe, irmão e irmã, filho e filha, neto e neta, tio e tia, sobrinho e sobrinha, e primo. Aqueles graus mais remotos são descritos por um aumento ou por uma combinação desses termos. Depois desses estão as relações de afinidade, ou por casamento, que são esposo e esposa, sogro e sogra, genro e nora, cunhado e cunhada, afilhado e afilhada, irmão de criação [*step-brother*] e irmã de criação [*step-sister*]<sup>2</sup>; juntamente com aqueles esposos e esposas

---

2 Trata-se de uma relação puramente derivada do casamento dos respectivos genitores (ou seja, uma relação entre filhos de um outro casamento de cada um deles). Não confundir com *half-brother/half-sister* (meio-irmão/meio-irmã), relação em que um dos genitores é comum.

dos parentes de sangue que recebem a designação correspondente por cortesia. Esses termos mal são suficientes para indicar com especificidade as relações mais próximas, deixando a grande maioria para ser descrita por meio de uma combinação de termos.

(...)

Em um sentido geral, como foi dito alhures, há somente duas formas radicalmente distintas de consanguinidade, entre as nações representadas nas tabelas. Uma destas é descritiva e a outra, classificatória. A primeira, que é aquela das famílias ariana, semítica e uraliana, rejeitando a classificação de parentes, exceto na medida em que está de acordo com o sistema numérico, descreve os consanguíneos colaterais, na maior parte, por meio de um aumento ou combinação dos termos primários de relação. Esses termos, que são aquelas para esposo e esposa, pai e mãe, irmão e irmã, e filho e filha, aos quais devem-se adicionar, nas línguas que os possuem, avô e avó, e neto e neta, estão, pois, restritos ao sentido primário em que são empregados aqui. Todos os demais termos são secundários. Cada relação é assim tornada independente e distinta de qualquer outra. Mas a segunda forma, que é aquela das famílias turaniana, indígena americana, e malaia, rejeitando frases descritivas em todos os casos, e reduzindo os consanguíneos a grandes classes, por uma série de generalizações aparentemente arbitrárias, aplica os mesmos termos para todos os membros da mesma classe. Assim, ela confunde relações que, sob o sistema descritivo, são distintas, e alarga, para além do seu sentido apropriado, a significação tanto dos termos primários como dos secundários.

Ainda que um número limitado de generalizações tenha sido desenvolvido no sistema das famílias mencionadas em primeiro lugar, e que são seguidas da introdução de termos especiais adicionais para expressar concretamente as relações assim especificadas, ainda assim, o sistema é propriamente caracterizado como descritivo, e assim o era originalmente. Ver-se-á na sequência que a classificação parcial da parentela que ela atualmente contém está em harmonia com os princípios da forma descritiva, e nasce dela de maneira legítima, até o ponto em que é aí levado; e que se baseia em concepções inteiramente dessemelhantes em relação aquelas que governam a forma classificatória. Essas generalizações, em alguns casos, são imperfeitas, de um ponto de vista lógico; mas elas foram elaboradas para efetivar concretamente as relações precisas que as frases descritivas sugerem implicitamente. Em gaélico, por exemplo, não há termos para tio ou tia, sobrinho ou sobrinha, ou primo; mas eles foram descritos como *irmão do pai*, *irmão da mãe*, *filho do pai*, e assim por diante. Essa formas do céltico são, portanto, puramente descritivas. Na maior parte das línguas arianas, existem termos para tais relações. Os irmãos de meu pai e os da minha mãe, em inglês, são generalizados numa única classe, e o termo *uncle* é empregado para expressar a relação. As relações para com *Ego* das duas classes de pessoas são iguais em seu grau de proximidade, mas não são do mesmo tipo; por isso, é preferível o método romano, que emprega *patruus* para

expressar o primeiro, e *avunculus* para indicar o segundo. A frase “irmão do pai” descreve uma pessoa, mas igualmente implica um laço de conexão que *patruus* expressa concretamente. De modo semelhante, o filho do irmão de meu pai, o filho da irmã de meu pai, o filho do irmão de minha mãe e o filho da irmã da minha mãe, são postas numa igualdade por meio de uma generalização similar, e a relação é expressa pelo termo *sobrinho*. Eles estão para mim no mesmo grau de proximidade, mas estão relacionados comigo de quatro maneiras diferentes. O uso desses termos, porém, não invade os princípios do sistema descritivo, mas tenta efetivar as relações implicadas de uma maneira mais simples. Por outro lado, no sistema das famílias mencionadas por último, enquanto que existem termos correspondentes, sua aplicação a pessoa específicas se baseia em generalizações muito diversas, e eles são usados de modo aparentemente arbitrário. No iroquês seneca, por exemplo, o irmão de meu pai é meu pai. Nesse sistema, ele está para mim nesta relação, e em nenhuma outra. Eu me dirijo a ele usando o mesmo termo, *Hä-nih'*, que aplico ao meu próprio pai. O irmão da minha mãe, pelo contrário, é meu tio, *Hoc-no'-seh*, a quem, dentre os dois, está restrita esta relação. Novamente, se eu pertencer ao sexo masculino, o filho de meu irmão é meu filho, *Ha-ah'-wuk*, o mesmo que meu próprio filho; enquanto que o filho de minha irmã é meu sobrinho, *Ha-yâ'-wan-da*; mas, se eu pertencer ao sexo feminino, essas relações são invertidas. O filho do meu irmão é meu sobrinho; enquanto que o filho de minha irmã é meu filho<sup>3</sup>. Avançando até a segunda linha colateral, o filho do irmão de meu pai e o filho da irmã de minha mãe são meus irmãos, e eles estão para mim na mesma relação que meu próprio irmão; mas o filho da irmã de meu pai e o filho do irmão de minha mãe são meus primos. As mesmas relações são reconhecidas pelas duas formas, mas as generalizações em que se baseiam são diferentes.

No sistema de relação das famílias ariana, semítica e uraliana, as linhas colaterais se mantêm distintas e perpetuamente divergentes em relação à linha central, o que resulta, teórica tanto quanto praticamente, numa dispersão do sangue. O valor das relações entre consanguíneos colaterais é depreciado e enfim perdido, sob o peso do método descritivo. Essa divergência é uma das características do sistema descritivo. Pelo contrário, naquele das famílias turaniana, indígena americana e malaia, as várias linhas colaterais, próximas ou remotas, acabam por trazidas para dentro, e fundidas com a linha central, prevenindo assim, tanto teórica quanto praticamente, a dispersão do sangue. As relações entre colaterais é assim apreciada e preservada. Essa fusão é, igualmente, uma das características do sistema classificatório.

(...)

---

3 Com isso se introduz a distinção, crucial para o campo dos estudos de parentesco (que o livro de Morgan ajuda a fundar), entre parentes *paralelos* e *cruzados*. Para ficarmos com o exemplo, digamos que, na terminologia atual, no caso em que *Ego* e o parente de ligação são irmãos do mesmo sexo (*Ego* masculino e seu irmão, ou *Ego* feminino e sua irmã), os filhos (sobrinhos de um ou de outro) e demais parentes serão parentes paralelos; no caso em que são irmãos de sexo diferente (*Ego* masculino e sua irmã, *Ego* feminino e seu irmão), serão parentes cruzados.

Ali onde o sistema original, anterior à civilização, tenha sido descritivo, a tendência à modificação, sob a influência do refinamento, seria na direção de uma separação mais rigorosa das várias linhas de descendência, e de uma descrição mais sistemática das pessoas ou relações em cada uma. Ela não levaria necessariamente ao abandono de velhos termos, nem à invenção de novos. Esta pertence, geralmente, ao período formativo de uma língua. Uma vez passado, recorre-se a termos compostos, se as frases descritivas são consideradas muito inconvenientes. Onde quer que se encontre esses compostos, se há de saber que eles são modernos na língua. Os antigos termos não são necessariamente radicais, mas se tornaram tão gastos pelo logo uso que tornaram impossível a identificação de suas partes componentes. Enquanto que o crescimento das nomenclaturas de relação tende a mostrar a direção em que os sistemas têm sido modificados, ele parece incapaz de iluminar a questão de saber se uma forma classificatória pode eventualmente se transformar numa descritiva, ou o inverso. É mais difícil, ali onde o sistema primitivo tiver sido classificatório, determinar a direção provável da mudança. As nações incivilizadas permaneceram substancialmente estacionárias em sua condição ao longo de todos os séculos de sua existência, circunstância eminentemente favorável à permanência de suas instituições domésticas. Não se pode supor, no entanto, que elas tenham resistido a todas as modificações do seu sistema de consanguinidade. A opulência da nomenclatura de relações que é característica da maior parte das nações cuja forma é a classificatória pode tender a mostrar que, se efetivamente mudasse, seria na direção de uma maior complexidade da classificação. É extremamente difícil chegar a quaisquer conclusões gerais sobre esta questão, com referência a qualquer uma das formas. Mas pode-se afirmar que, se um sistema original muda efetivamente, depois de ter sido adotado na prática, é certo que isso deverá ocorrer em harmonia com as ideias e concepções que ele encarna, das quais as mudanças serão desenvolvimentos ulteriores e lógicos.

Não se deve inferir disso que as formas de consanguinidade e afinidade são adotadas, modificadas ou deixadas de lado a bel prazer. As tabelas desfazem completamente tal suposição. Uma vez que um sistema entra em uso na prática, tendo sua nomenclatura adotada, e tendo estabelecido seu método de descrição ou classificação, sua mudança seria, pela natureza da coisa, muito lenta. Cada pessoa, como foi observado alhures, é o centro em torno do qual um grupo de consanguíneos se organiza. Trata-se de meu pai, minha mãe, meu irmão, meu filho, meu tio, meus primos, com todo e qualquer ser humano; e, portanto, cada um é forçado a entender e usar o sistema prevalecente. É uma verdadeira necessidade para todos igualmente, já que toda relação é pessoal para *Ego*. Uma mudança em qualquer dessas relações, ou uma subversão de qualquer dos termos inventados para expressá-las, seria extremamente difícil, se não impossível; e não seria menos difícil alargar ou contrair o uso estabelecido de cada um dos próprios termos. A possibilidade dessa permanência aumenta pela circunstância de que esses sistemas existem pelo uso, em vez de por uma

imposição legal, e, assim, o motivo da mudança deve ser tão universal quanto o uso. Seu uso e preservação estão entregues a cada pessoa que fala a língua comum, e seu canal de transmissão é o sangue. É assim que, para além da estabilidade natural das instituições domésticas, há razões especiais que contribuem para sua permanência, através da qual se torna provável que eles possam sobreviver a mudanças suficientemente radicais, na condição social, para derrubar as ideias em que tiveram sua origem.

(...)

## **PARTE II – O SISTEMA CLASSIFICATÓRIO DE RELAÇÃO**

### **Capítulo 1. Sistema de relação da família ganowaniana**

(...)

Há muitas características do elaborado sistema de relações prestes a ser apresentado que vão reter a atenção, e talvez provocar interrogações, algumas das quais pode ser aconselhável antecipar.

Pode-se adiantar, primeiro, que toda relação discriminada pela família ariana, bem como um grande número de relações que passam despercebidas, é reconhecida pela ganowaniana; em segundo lugar, que as nomenclaturas de relação nos dialetos desta última família são mais opulentos que aquelas de qualquer outra, sem excetuar a turaniana; e, em terceiro lugar, que seu sistema é tão diversificado por especificações e tão complicado em suas classificações que requer um estudo cuidadoso para que se compreendam sua estrutura e princípios. Sob o peso dessas declarações, pode-se perguntar: de que maneira índios rudes e incultos podem ter sido capazes de manter um sistema de relações tal como aquele exposto na tabela? E, finalmente, como foi possível levar a cabo, através de tantos dialetos não escritos, as detalhadas inquirições necessárias ao seu desenvolvimento completo, e verificar seus resultados? (...)

Um único costume basta para resolver a primeira das questões propostas. Os índios americanos sempre falam um com o outro, quando estão relacionados, através do termo de relação, e nunca através do nome pessoal do indivíduo a que se dirigem. Nos contatos familiares, e na saudação formal, eles invariavelmente se dirigem uns aos outros através da relação exata. (...) Não só é costumeiro saudar enquanto tais os parentes, mas a omissão em reconhecer desse modo os conhecidos seria, na maioria dessas nações, uma incivilidade equivalente a uma afronta. (...) O efeito deste costume na transmissão e preservação de um conhecimento do sistema através de todas as suas ramificações é bastante óbvio. Há outro costume que torna este uma necessidade prática. Por algum motivo, para o qual não é necessário buscar aqui uma explicação, um índio americano reluta em mencionar seu próprio nome pessoal. Seria uma violação das boas maneiras se um índio

falasse com outro através do seu nome. (...) Também se pode afirmar, como resumo das causas que contribuíram para a sua perpetuação, que o sistema é ensinado para cada um na infância, e praticado ao longo de toda a vida. Entre as numerosas e muito espalhadas nações representadas na tabela, o sistema de consanguinidade e afinidade aí apresentado se encontra, neste momento, em uso prático constante e diário.

A segunda questão é igualmente simples. (...) A dificuldade de preencher uma das planilhas não deixava nem um pouco de ser considerável quando eram empregados intérpretes brancos perfeitamente competentes. (...) Com um intérprete branco, o primeiro obstáculo era a falta de um conhecimento sistemático do nosso próprio método de organizar e descrever a parentela. Ele, talvez, jamais havia tido ocasião de refletir sobre o assunto por um instante; e quando era levado até a segunda ou a outra linha colateral mais distante, com uma descrição de cada pessoa por meio da cadeia de consanguinidade, ele primeiro se encontrava desorientado e depois atônito, no labirinto das relações.

Outra – e a principal – resposta à questão suposta se encontra no progresso atingido, nos últimos trinta anos, na aquisição da nossa língua por certo número de nativos na maior parte das nações índias representadas na tabela. A necessidade de nossa língua, como um instrumento para relações comerciais e políticas, foi seriamente sentida por eles; e dentro do período indicado, produziu, a esse respeito, grandes oportunidades entre eles. (...) O indígena provou suas capacidades linguísticas pela facilidade e correção com a qual aprendeu a falar a língua inglesa. Além disso, não é nada incomum encontrar um índio versado em diversas línguas aborígenes. É principalmente para com essa classe de homens que estou em dívida pelo conhecimento do seu sistema de relações, e pela sua assistência inteligente, que me permitiu traçar seus menores detalhes. Conhecendo perfeitamente seu próprio modo de classificação, e muito melhor do que nós conhecemos o nosso, eles são, em geral, capazes de seguir os ramos das várias linhas colaterais com rapidez e precisão. (...) Ver-se-á, então, que, para obter seu sistema de relações, era muito preferível consultar um índio nativo, que falasse inglês mesmo que imperfeitamente, do que um intérprete branco bem versado na língua índia.

(...)